



A G O S T O D E 2 0 0 6

Reconstrução e Recuperação:

**CINCO ANOS
APÓS O 11/9**



Editor	George Clack
Editora-gerente	Alexandra M. Abboud
Editores colaboradores	Mark A. Betka Chandley McDonald David McKeeby Rebecca Ford Mitchell Mildred Neely Rosalie Targonski Robin Yeager
Especialistas em referências	George Burkes Anita N. Green Kathy Spiegel Vivian R. Stahl
Fotógrafo da equipe	Barry Fitzgerald
Pesquisadora de fotos	Ann Monroe Jacobs
Ilustração da capa	Min-Chih Yao

Editora-chefe	Judith S. Siegel
Editor executivo	Richard W. Huckaby
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Chloe D. Ellis
Revisora de português	Marília Araújo

Conselho editorial	Jeremy F. Curtin Janet E. Garvey Jeffrey E. Berkowitz
--------------------	---

Foto da capa: cortesia de Silverstein Properties:

A capa é a imagem projetada de como seria o horizonte da cidade de Nova York com a inclusão da Torre da Liberdade, que será construída no local do World Trade Center. A altura da torre será de 1.776 pés (533 metros) em homenagem ao ano da independência dos Estados Unidos. O projeto é do escritório de arquitetura Skidmore, Owings, and Merrill. O arquiteto da Torre da Liberdade, David Childs, diz que a concepção do edifício mostra “uma construção aberta e receptiva que irradia luz e é inundada de luz”. O edifício deverá estar pronto para ocupação em 2011.

Para obter mais informações, consulte
http://www.renewnyc.com/plan_des_dev/wtc_site/new_design_plans/Freedom_Tower/default.asp

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores* — que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, russo e espanhol. Algumas edições também são publicadas em árabe, chinês e persa. Cada revista é catalogada por volume (de acordo com o ano) e número (de edições publicadas durante o ano).

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas, em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/T/CP
Departamento de Estado dos EUA
301 4th St. SW
Washington, DC 20547
United States of America
E-mail: iiptcp@state.gov

Sobre Esta Edição

“Viver sem medo é um direito humano básico. Precisamos defender esse direito com mais confiança e determinação do que nunca ... aqui em Nova York ... em todo o país ... e no mundo inteiro . Unidos em uma só voz, precisamos dizer claramente que não nos renderemos ao terrorismo...”

— Rudy Giuliani, ex-prefeito de Nova York, 1^a de outubro de 2001

Cinco anos após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o mundo continua testemunhando os efeitos do terrorismo em locais como Londres, Madri, Bali e Mumbai. Em cada um desses lugares, assim como em Nova York e Washington, D.C., uma vez removidos os escombros e enterrados os mortos, as comunidades começaram o processo de reconstrução de suas cidades e de suas vidas. Apesar dos esforços dos terroristas para perturbar a paz, a resistência oferecida pelos povos do mundo todo demonstrou que o espírito humano sempre vai triunfar sobre a tragédia.

Abrimos esta edição com um ensaio do novaiorquino e presidente do Instituto Hudson Dr. Herbert London, o qual relata que, na área destruída ao redor do World Trade Center, novos arranha-céus “parecem surgir de forma mágica”, demonstrando esperança e capacidade de recuperação.

Embora os Estados Unidos continuem seguindo em frente, a segurança ainda é uma grande preocupação no mundo pós-11/9. Em “Estados Unidos Acolhem Visitantes com Carinho”, o Escritório de Assuntos Consulares do Departamento de Estado dos EUA descreve as melhoras no processo americano de concessão de vistos, por meio do qual os visitantes são bem recebidos ao mesmo tempo que a segurança nas fronteiras é reforçada para proteger residentes e visitantes de outros países.



O local do World Trade Center em junho de 2006

Foto: Barry Fitzgerald

Logo após o 11/9 as comunidades dos Estados Unidos se reuniram para ajudar umas às outras. Em uma mesa-redonda, três líderes de diferentes comunidades religiosas — imã Yahya Hendi, rabino Kenneth Cohen e reverendo Clark Lobenstine — discutem como o conagraçamento com outras religiões e outros líderes religiosos uniu suas comunidades desde os ataques de 11/9.

O artigo “Novos Começos” conta a história pessoal de alguns sobreviventes dos ataques terroristas que transformaram a tragédia em mudanças positivas em suas vidas.

Em “Mitos sobre o Terrorismo da Al Qaeda”, o Dr. Marc Sageman, especialista independente em terrorismo, descreve o que ele chama de percepção popular equivocada sobre os

terroristas e aqueles que os ajudam.

Por fim, duas galerias de fotos mostram as imagens de um mundo unido que resiste à ameaça do terrorismo.

Os editores



Reconstrução e Recuperação: Cinco Anos Após o 11/9

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / AGOSTO DE 2006 / VOLUME 11 / NÚMERO 2
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

ÍNDICE

4 Lembrança do 11/9

DR. HERBERT LONDON, PRESIDENTE DO INSTITUTO HUDSON NA CIDADE DE NOVA YORK.

Acadêmico e presidente de ONG que vive perto do local do World Trade Center descreve como a área está sendo reconstruída.

6 Estados Unidos Acolhem Visitantes com Carinho: O Processo de Concessão de Vistos Após o 11 de Setembro

Mudanças recentes nos procedimentos e na regulamentação facilitam a entrada de visitantes estrangeiros nos Estados Unidos.

8 Diálogo Ecumênico no Mundo Pós-11/9

IMÃ YAHYA HENDI, CAPELÃO MUÇULMANO DA UNIVERSIDADE DE GEORGETOWN EM WASHINGTON, D.C.; RABBI KENNETH COHEN, RABINO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE AMERICANA EM WASHINGTON, D.C.; E REVERENDO CLARK LOBENSTINE, DIRETOR EXECUTIVO DA CONFERÊNCIA ECUMÊNICA DA ÁREA METROPOLITANA DE WASHINGTON (D.C.)

Três sacerdotes discutem o diálogo ecumênico desde o 11/9.

12 Boxe - Aceitar Diferenças e Compartilhar Metas: Rede Religiosa de Búfalo

13 Lembrança das Vítimas

Memoriais serão erguidos no local do World Trade Center, no Pentágono e no local da queda do voo 93 da United Airlines em homenagem à memória daqueles que morreram em 11/9.

15 Novos Começos

Como vários nova-iorquinos diretamente afetados pelo 11/9 estão reconstruindo suas vidas.

19 Reação Mundial ao Terrorismo - Uma História em Fotos

24 Boxe - O Terrorismo Afeta Todos Nós

25 Reconstrução em Várias Partes do Mundo - A História em Fotos

32 Mitos sobre o Terrorismo da Al Qaeda

DR. MARC SAGEMAN, MEMBRO SÊNIO DO INSTITUTO DE PESQUISA SOBRE POLÍTICA EXTERNA DA FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA, E PESQUISADOR ASSOCIADO SÊNIO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS DE WASHINGTON, D.C.

Pesquisador independente e autor derruba alguns mitos sobre os terroristas da al-Qaeda.

34 Recursos na Web



VÍDEO ON-LINE

- *Terrorismo: Guerra sem Fronteiras*

Fonte: Departamento de Estado dos EUA)

- *Restaurante Colors*

(Fonte: Voz da América)

<http://www.usinfo.state.gov/journals/itps/0806/ijpe/ijpe0806.htm>

Lembrança do 11/9

Dr. Herbert London



O Dr. Herbert London é presidente do Instituto Hudson na cidade de Nova York. Ex-professor da cadeira John M. Olin de ciências humanas na Universidade de Nova York, fundou a Escola Gallatin em 1972 e foi seu reitor até 1992. Sua análise social foi divulgada nos principais jornais e periódicos de todo o país.

Do prédio em que moro posso ver o espaço que o World Trade Center (WTC) ocupava, onde um buraco no chão é uma lembrança permanente dos atentados terroristas do 11 de Setembro contra os Estados Unidos. Mas nas imediações do local onde estava o WTC, que nós, os moradores locais, chamamos de “nosso buraco”, há um desenvolvimento extraordinário.

O prédio da Goldman Sachs está sendo erigido na rua. Há um supermercado em construção a dois quarteirões de distância. Arranha-céus parecem surgir de forma mágica, como se desafiassem as normas de construção. O Parque Battery, com vistas amplas da Estátua da Liberdade e da Ilha Ellis, foi reconstruído e tem agora uma fonte imponente e novos jardins. Está em construção um túnel fantástico que ligará o sistema do metrô ao terminal ferroviário da Ilha Staten.

Apesar do “nosso buraco”, o centro de Nova York está ativo, prosperando e eletrizante com as perspectivas. Em diversos aspectos fundamentais, essa descrição é uma



Construção em andamento do Seven World Trade Center, destruído durante os atentados de 11 de setembro de 2001

© Ramin Taleie/CORBIS

metáfora dos cinco anos dos Estados Unidos após os atentados de 11/9.

Nosso país foi ferido, mas continua firme. Certamente o ataque afetou o comportamento dos americanos. As pessoas estão cautelosas com relação a pacotes não identificados no sistema do metrô e o 11 de Setembro continua a ser um dia de lembranças e tristeza. Entretanto, o dinamismo que caracteriza os Estados Unidos é inabalável.

No último 11/9, quando estava na Church Street contemplando o lugar onde ficava o WTC, cinco turistas me perguntaram se poderia juntar-me a eles em uma manifestação espontânea do “God Bless America” (Deus Salve a América). Minha esposa e eu cantávamos enquanto as lágrimas rolavam por nossas faces. Estávamos junto com estrangeiros que desejavam recordar o que os Estados Unidos representam. Estávamos tristes, mas firmes, unidos em nosso reconhecimento à nação e determinados a resistir àqueles que gostariam de destruir nosso modo de vida.

Até certo ponto, o 11 de Setembro desvaneceu-se em nossa memória coletiva. O sentimento patriótico é lembrado, como sugere minha experiência, mas perdeu a proximidade. O que é mais digno de nota é que o sentido da nação permanece intacto.

William Tyler Page escreveu no *American Creed (Credo Americano)*, “Eu...creio ser meu dever para com o meu país amá-lo, apoiar sua Constituição, obedecer suas leis, respeitar sua bandeira e defendê-lo contra todos os inimigos”. Certamente, nesta terra de liberdade, muitos têm o direito constitucional de discordar, mas, na minha opinião, a maioria esmagadora dos americanos compartilha este sentimento. Imbuídas nessa postura estão expressões

como amor, honra, lealdade, orgulho, devoção e sacrifício, palavras que sugerem uma relação emocional. Mas para muitos americanos, patriotismo não é apenas emoção reflexiva; é também discussão ponderada.

Em *Democracia na América*, Alexis de Tocqueville afirmou que são enfatizados os costumes, as tradições e uma reverência ao passado, mas que para os americanos o patriotismo é um estado de espírito no qual “cidadãos...enfrentam vários aspectos da nação que não são tão cor-de-rosa”.

Na minha opinião, o 11 de Setembro revelou patriotas liberais, que acreditam ser preciso trabalhar por mudanças políticas coerentes, fundamentadas na sua interpretação do credo nacional, e patriotas conservadores, que mantêm lealdade à nação com base no que tencionavam os pioneiros. As diferenças são mais de perspectiva do que de conceitos básicos, os quais permanecem incólumes.

O 11 de Setembro de 2001 foi um dia fatídico para a nação e, embora estranhamente, a noção de “meu país, certo ou errado” não ganhou respaldo. Os cidadãos americanos devem, com razão, estar zangados com aqueles que atacaram nossa terra e nosso povo, mas somos infinitamente autocríticos, como sugerem as análises de vários noticiários da televisão. Também temos uma memória bem entranhada do bem e da confiança na nossa capacidade de mudar quando necessário.

Por isso, minha lembrança do horror de cinco anos atrás faz emergir a crença na capacidade humana e o comovente exemplo de americanos que se levantam, sacodem a poeira e olham adiante para moldar o futuro.

Jacques Maritain observou certa vez que o que diferencia os Estados Unidos das outras nações é o fato de estarem em “um estado de perpétua mutação”. A destruição enfrentada pela nação forçou o povo americano a se olhar no espelho para observar os pontos fortes e os fracos, considerar as conquistas extraordinárias e os desafios no horizonte.

Há, certamente, aqueles que adotam uma postura de “ressentimento histórico”. O que eles vêem são só as falhas. Em cada protesto acalorado que fazem há um declínio crescente no ânimo que dá sustentação ao patriotismo. Afinal, porque alguém se importaria com uma nação de colonizadores e imperialistas, palavras que foram transfiguradas em crimes?

Cinco anos de reflexão após os atentados do 11 de Setembro renovaram a crença dos americanos em seu país. No fim, mesmo os patriotas ponderados que analisam

erros, enganos, tragédia e realizações com cuidado encontrarão algo positivo para colocar no sentimento patriótico.

Esse buraco no chão é como uma lembrança da fragilidade e da imperfeição humanas, mas ele não nos tirou a fé em nós mesmos ou o desejo de recuperação.

Há um parque, que em breve será terminado, onde antes se erguia com majestade o World Trade Center.

Alguns dias atrás, eu caminhava por esse passeio recém-construído e, nas sombras das Torres Gêmeas que permanecem na minha memória, notei que havia várias mudas prontas para brotar.

Há cinco anos havia somente poeira naquele chão, agora as flores estão a ponto de desabrochar. Aqui estão os Estados Unidos, cinco anos após o 11 de Setembro. No meio dos escombros surge a vida, lutando bravamente por um lugar ao sol. ■



Participante de uma reunião pública realizada pela Corporação de Desenvolvimento da Baixa Manhattan e pela Autoridade Portuária exibe cartaz expressando apoio à reconstrução do lugar

© Reuters/CORBIS

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Estados Unidos Acolhem Visitantes com Carinho: O Processo de Concessão de Vistos Após o 11 de Setembro

“Quatro anos atrás, nosso governo adotou medidas novas e drásticas para proteger o país de uma outra ameaça sem precedentes. Desde aquela época, ao mesmo tempo que continuamos a aumentar a segurança nas viagens e nas fronteiras, fizemos mudanças significativas para garantir que os Estados Unidos permaneçam hospitaleiros às dezenas de milhões de estrangeiros que nos visitam a cada ano.”

*Condoleezza Rice
Secretária de Estado dos EUA*

“Quando aumentamos a segurança nas fronteiras dos EUA, tornamos o país mais seguro para os nossos cidadãos e para os milhões de pessoas de todas as partes do mundo que nos visitam a cada ano.”

*Maura Harty
Secretária de Estado adjunta para
Assuntos Consulares
Departamento de Estado dos EUA*

Mesmo após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos continuam a ser um país que acolhe visitantes de todo o mundo. Este artigo do Escritório de Assuntos Consulares do Departamento de Estado dos EUA descreve as mudanças recentes no processo de obtenção de visto, concebidas para proporcionar viagens mais eficientes e rápidas para quem vem ao país, ao mesmo tempo em que garante a segurança e a proteção das fronteiras.

Quando a secretária de Estado Condoleezza Rice e o secretário de Segurança Interna Michael Chertoff inauguraram o programa Visão Conjunta de Rice-Chertoff sobre Fronteiras Seguras e Portas Abertas na Era da Informação, em janeiro de 2006, eles mostraram quatro anos de melhorias notáveis no processo de obtenção de visto em apoio à segurança da fronteira dos EUA e às viagens internacionais. Enfatizaram o compromisso do governo com a continuação das mudanças inovadoras iniciadas após o 11 de Setembro, bem como com a busca de formas de aperfeiçoamento tecnológico para melhorar ainda mais a eficiência dos processos de obtenção de visto e de entrada no país.

Os Estados Unidos também estão desenvolvendo documentos novos e mais seguros, que protegerão a identidade pessoal e darão rapidez às viagens. Uma



Passageiro no Aeroporto Internacional George W. Bush, em Houston, grava suas impressões digitais como parte de um programa de teste federal destinado a agilizar a passagem de viajantes frequentes pelos postos de controle de segurança

inspeção mais inteligente em cada um dos pontos onde os agentes dos EUA recebem viajantes ajudará também a garantir que permaneçamos um país seguro e acolhedor que encoraja os visitantes de todo o mundo.

Para aumentar tanto a segurança como a facilidade do processo de obtenção de visto, o Departamento de Estado ampliou sua equipe e melhorou o espaço consular em muitos locais de obtenção de visto no exterior. Os requerentes de vistos dispõem agora de muito mais informações no site do Departamento de Estado (<http://www.travel.state.gov>) para auxiliá-los a planejar sua viagem e a se preparar para o processo de obtenção de visto

O Departamento de Estado destinou recursos significativos para ajudar particularmente os estudantes e viajantes a negócios. Para renovar a acolhida aos Estados Unidos a estudantes, professores e pesquisadores, todos os postos de processamento de vistos americanos estão

equipados com mecanismos que garantem que cada estudante qualificado esteja com o visto em mãos a tempo de iniciar seu curso acadêmico. Como parte do programa Visão Conjunta de Rice-Chertoff, os estudantes podem agora requerer um visto de 120 dias antes do início das aulas (superior aos 90 dias) e entrar nos Estados Unidos 45 dias antes (contra os 30 dias).

Os escritórios consulares desenvolveram planos de facilitação empresariais individuais para atender às necessidades específicas das comunidades de negócios americanas nos países onde se instalam. Por exemplo, mais de 400 empresas-membros da Câmara Americana de Comércio na China são também membros do Programa de Vistos de Negócios administrado pela embaixada dos EUA em Pequim. Mais de 10 mil pedidos foram processados por meio desse canal de obtenção rápida de vistos no ano passado.

O Departamento de Estado também está operando um programa-piloto em Sapporo, no Japão, que permitirá aos residentes de Hokkaido, que no passado tinham de viajar longas distâncias até Tóquio para as suas entrevistas de obtenção de visto, sejam entrevistados em Sapporo. Os passaportes dos candidatos aprovados são enviados por serviço de entrega de Sapporo a Tóquio, onde o visto é impresso e colado no passaporte. Esse sistema pode ajudar a ampliar o alcance de recursos limitados e minimizar o tempo de viagem dos requerentes

As autoridades para assuntos consulares dos EUA em Washington, D.C., firmaram parceria com embaixadas e consulados do país no exterior no ano passado para criar um Centro de Visto de Negócios para esclarecimento do processo de visto para empresas dos EUA e organizadores de convenções que desejem convidar funcionários, clientes e parceiros para vir aos EUA.

O Departamento de Estado está explorando formas de usar tecnologia de ponta para melhorar ainda mais o processo de pedido de visto. O departamento deverá por em prática em breve um processo de pedido de visto online e explorar o uso de videoconferência digital como ferramenta de entrevista.

E, para melhorar a acolhida que esses visitantes recebem na chegada aos Estados Unidos, os Departamentos de Estado e de Segurança Interna iniciaram um programa-piloto de “aeroporto-modelo” em parceria com o setor

privado e com os governos estadual e local nos aeroportos de Dulles em Washington, D.C., e de Houston, no Texas.

Os resultados desses esforços para renovar as boas-vindas dos Estados Unidos são incontestáveis. Para a grande maioria dos requerentes qualificados – mais de 97% - os vistos são processados dentro de dois dias após a entrevista. Para a pequena minoria de solicitantes que

requer inspeção de segurança adicional, o período de processamento melhorou sensivelmente. Por exemplo, o prazo para liberação da entrada de um cientista que atua em um campo tecnológico sensível foi reduzido de 72 para 14 dias.

Apesar das percepções errôneas que persistem sobre as mudanças relativas a visto e segurança na fronteira, as viagens internacionais para os Estados Unidos continuam em tendência de alta, iniciada em 2001. De acordo com estatísticas do Departamento de Comércio dos EUA, as visitas internacionais aumentaram em 7% de 2004 a 2005, atingindo 49,9 milhões de visitantes, após o aumento de 12% de 2003 a 2004. A emissão de vistos para visitantes subiu 12% no ano fiscal de

2005. O maior crescimento da demanda por vistos está sendo observado nas embaixadas dos EUA em Seul (13%), na Cidade do México (16%) e em Pequim (25%).

Durante o ano fiscal de 2005, a emissão de vistos para estudantes aumentou 8,7% em comparação com 2004. Mais significativo, o número de pedidos recebidos no ano passado aumentou em exatos 7%, após ter diminuído em cada um dos três anos anteriores. A primeira parte do ano fiscal de 2006 mostrou um aumento ainda mais expressivo, com um acréscimo de mais de 20% tanto em pedidos como em emissões, quando comparado com o mesmo período do ano passado.

Os Estados Unidos são uma nação de nações. O compromisso contínuo com inovações e melhorias adicionais no processo de pedido de vistos honra a história dos Estados Unidos e estende uma calorosa acolhida às novas gerações de visitantes, que tanto contribuem com a nação. O Departamento de Estado, trabalhando em conjunto com colegas de outras agências e das comunidades acadêmica e do setor privado, deseja que os Estados Unidos continuem sendo a nação acolhedora que sempre foram. ■



Esta placa na entrada do território aduaneiro do Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York, explica o processo de coleta de impressões digitais em inglês, espanhol, coreano, chinês e português

Diálogo Ecumênico no Mundo Pós-11/9



Foto: Barry Fitzgerald

Da direita para a esquerda: rabino Kenneth Cohen, reverendo Clark Lobenstine e imã Yahya Hendi

Para marcar o quinto aniversário do 11 de Setembro de 2001, data dos atentados terroristas contra o World Trade Center e o Pentágono, convidamos três sacerdotes de diferentes comunidades religiosas para discutir o diálogo ecumênico a partir de então.

O imã Yahya Hendi é capelão muçulmano da Universidade de Georgetown, em Washington, D.C., imã da Sociedade Islâmica de Frederick, em Maryland, e capelão muçulmano do Centro Médico Naval Nacional. Kenneth L. Cohen, ex-repórter da BBC, é rabino do campus da Universidade Americana e diretor executivo do campus Hillel desde 2001. O reverendo Clark Lobenstine, pastor presbiteriano, é diretor executivo da Conferência Ecumênica da Área Metropolitana de Washington (D.C.) e secretário do Conselho Ecumênico da cidade.

No trágico pós-11/9, um surpreendente ponto em comum entre esses sacerdotes foi que todos eles procuraram outras religiões e outros líderes religiosos para reunir suas respectivas comunidades.

O moderador do debate foi George Clack, diretor do setor de publicações do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado.

George Clack: Qual foi a reação dos membros das congregações dos senhores após os atentados terroristas de 11 de setembro e como os senhores, na posição de sacerdotes, lidaram com as preocupações dessas pessoas?

Imã Yahya Hendi: Nossa primeira atitude na Universidade de Georgetown foi pedir à comunidade toda para se reunir em uma prece ecumênica. Quase 600 estudantes e membros do corpo docente compareceram ao maior culto ecumênico que já vi.

E o culto foi realizado por comunidades religiosas de todos os credos: judeus, cristãos, muçulmanos, budistas, hindus, entre outros, que oraram em uníssono pelos Estados Unidos e pela paz mundial.

Rabino Kenneth Cohen: Poucas horas depois dos atentados, todos os sacerdotes e ministros religiosos do campus da Universidade Americana estavam nas escadarias do Centro Kay da Vida Espiritual com centenas de estudantes, membros do corpo docente e funcionários da universidade. Eu disse às pessoas ali reunidas que a comunidade universitária não deveria descarregar sua raiva na comunidade muçulmana, porque eles são tão inocentes quanto qualquer outra pessoa no campus. Foi uma mensagem muito importante compartilhada por toda a Universidade Americana.

Nos primeiros dias após o 11 de Setembro, alguns muçulmanos não apareceram no campus. Líderes estudantis e eu telefonamos para vários desses nossos conhecidos e pedimos: “Voltem ao campus, por favor. Não temam. Se vocês tiverem medo, nós os acompanharemos pessoalmente até as salas de aula.” O 11 de Setembro nos uniu ainda mais.

No mundo, várias religiões são aplicadas no mal sentido, e a cura para isso é a boa religião. Temos visto a má religião e a boa religião em todas as comunidades religiosas. Quando as religiões tentam reduzir Deus ao nosso



pequeno tamanho, em vez de nos motivar a crescer para nos tornarmos grandes como Deus, então não passamos de simples tribos. As religiões, naquilo que têm de melhor, podem trazer à tona a parte mais nobre nas pessoas.

Reverendo Clark Lobenstine: Desde 1978, a Conferência Ecumênica da Área Metropolitana de Washington trabalha com as comunidades islâmicas, judaicas, protestantes e católicas romanas. Assim, naquele dia divulgamos um



Uma adolescente muçulmana e outra judia conversam na Palisades Emergency Residence Corporation, abrigo com 40 camas para sem-tetos da Union City, em Nova Jersey, fundado por um grupo de aproximadamente 20 jovens muçulmanas e judias

manifesto de pesar por todas as vítimas dos atentados. Também escrevemos que as ações de alguns que abusam da religião para justificar a violência não devem ser usadas para condenar toda uma comunidade religiosa e os responsáveis devem ser levados ao tribunal.

Nos seis meses seguintes ao 11/9, levamos 107 palestrantes, dois terços dos quais muçulmanos, a 36 diferentes congregações, escolas e grupos comunitários para eventos e discussões sobre os atentados terroristas do 11 de Setembro.

Imã Yahya Hendi: Imediatamente após os ataques à nossa nação, disse a minha esposa para não sair de casa. E ela me falou que nosso vizinho cristão lhe dissera que, se estivesse com medo, poderia ficar na casa deles ou eles lhe trariam comida e a protegeriam. Em Hagerstown, Maryland, a comunidade cristã providenciou guardas para proteger a mesquita de lá.

Sr. Clack: Por que os senhores consideram importante o diálogo ecumênico?

E quando conhecemos uns aos outros, vemos o que temos em comum.

Imã Yahya Hendi: Gosto de chamar o que fazemos de diálogo entre religiões. A fé se manifestou de diferentes formas, mas nossas três religiões, por exemplo, acreditam na existência de um criador. Apesar de nossas três

religiões acreditarem que Deus se revelou de maneiras diferentes, todas crêem na mesma moral e ética, embora os detalhes sejam diferentes.

O diálogo entre religiões pretende reunir comunidades religiosas diferentes para aprender a celebrar as diferenças, não para se tornar uma só. Não desejo que judeus, cristãos e muçulmanos se reúnam em torno de um único credo. Isso não pode ocorrer, nem jamais acontecerá. Segundo o Alcorão, se fosse a vontade de Deus, Ele teria feito de todos nós uma única nação. Em outras palavras, Deus quer que sejamos diferentes. Nosso desafio é manter as diferenças de modo humano e civilizado.

Rabino Cohen: Acho importante esclarecer que as religiões não dialogam, mas sim as pessoas. E quando conhecemos uns aos outros, vemos o que temos em comum.

A religião nos dá os instrumentos espirituais para nos expressarmos. Ampliamos a compreensão de nossa própria religião quando temos a oportunidade de entender como os outros encontram o divino nas diferentes comunidades religiosas.

Rev. Lobenstine: A Conferência Ecumênica aproxima pessoas de diferentes religiões com profundo respeito pela tradição religiosa de cada uma.

Ao compartilhar com os outros, não abandonamos as tradições de nosso credo, mas aprofundamos nossas próprias crenças e a compreensão de Deus.

Um aspecto muito importante do trabalho entre religiões, tanto na colaboração para a justiça social quanto no aprofundamento da compreensão, é a criação de oportunidades para conhecer realmente pessoas de outras crenças e, uma vez conhecendo-as, teremos mais interesse em aprender as semelhanças e as diferenças entre nossos credos.

Diana Eck, diretora do Centro para o Pluralismo Religioso no Mundo, da Universidade de Harvard, disse certa vez que a divisão mais profunda no mundo não é entre religiões, mas entre aqueles que, em cada tradição religiosa, conduzem sua crença de forma tolerante e generosa e os que mantêm sua fé presa a princípios tacanhos e mesquinhos. Trata-se da diferença entre os que só sentem sua fé segura se constroem muros a sua volta e aqueles cuja fé é firme graças a raízes profundas.

Rabino Cohen: Nossos rabinos no Talmud perguntam: “Quem é corajoso, quem é valente?” A resposta é que corajoso e valente é aquele capaz de transformar o inimigo em amigo. Necessitamos de enorme boa vontade. Não precisamos enfatizar os aspectos militantes e belicosos de

APMWWP

nossos credos. Precisamos voltar nossos esforços para o diálogo e a compreensão.



Devemos encorajar as pessoas a cruzar as fronteiras, sair de suas casas e congregações para entrar nas casas e congregações dos outros.

Imã Hendi: Eu prego a necessidade de nossas comunidades religiosas dominarem mais a arte de escutar do que a de falar. Normalmente nos sentimos bem falando sobre nós mesmos e nosso ponto de vista. Talvez seja necessário fazer uma pausa para ouvir as histórias dos outros e senti-las como se fossem nossas.

Rev. Lobenstine: Devemos tentar criar oportunidades para que as pessoas se sintam bem-vindas em nossas diferentes congregações. Devemos encorajar as pessoas a cruzar as fronteiras, sair de suas casas e congregações para entrar nas casas e congregações dos outros.

Rabino Cohen: Nada une mais as pessoas do que a existência de um inimigo comum, e nós o temos. O inimigo comum é o ódio e a intolerância. Se tivermos isso em mente, vamos nos unir, pois teremos um objetivo em comum.

Imã Hendi: Uma vez fui convidado a ler em um culto cristão de domingo. E minha história de Jonas e a baleia. No final, percebi onde pensavam vir a história que li para a Bíblia. Mas eu lhes disse: “Não, é diferente. Ficaram surpresos em saber que o Alcorão conta a mesma história de Jonas contada na Bíblia, mas falasse sobre essa história de forma tão diferente. Sou ministro religioso na igreja. É assim que encontramos pontos em comum.

Rabino Cohen: A meu ver, temos também em comum a natureza humana. Pessoas raivosas, não importa que religião professem, terão um deus raivoso, e pessoas amáveis terão um deus amável. É importante para nós transcender as várias denominações, porque se formos pessoas cheias de ódio, pessoas raivosas, teremos de encontrar textos em nossas respectivas tradições religiosas que justifiquem o ódio e a raiva. Mas se estivermos predispostos a ser indivíduos receptivos, abertos e amáveis, certamente encontraremos textos em nossa tradição religiosa que justifiquem isso também. Os textos estão lá, os raivosos e os amáveis. Qual deles você escolherá?

Sr. Clack: Em sua opinião, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo compartilham das mesmas tradições religiosas. E quanto às religiões fora dessa tradição específica como o hinduísmo ou o budismo? Há lugar para outras religiões segundo esse ponto de vista?

verdadeiro sentido do eu com o objetivo de chegar ao melhor para o todo. Esses conceitos também fazem parte do judaísmo, do cristianismo e do islamismo.

Rev. Lobenstine: E, segundo o Alcorão, há profetas desconhecidos.

Imã Hendi: Exatamente. O Alcorão Sagrado, no capítulo 49, verso 13, um dos meus favoritos, diz que Deus salva toda a humanidade, que Deus nos criou de um único casal e nos fez todos iguais, dividiu-nos em nações e tribos para nos conhecermos, e não para desprezarmos uns aos outros.

Rabino Cohen: Acredito que estamos todos subindo a mesma montanha. Podemos ter partido de pontos diferentes da montanha ou ter uma visão diferente do

cume, mas é necessário estar consciente de que todos nós nos dirigimos para o mesmo cume.

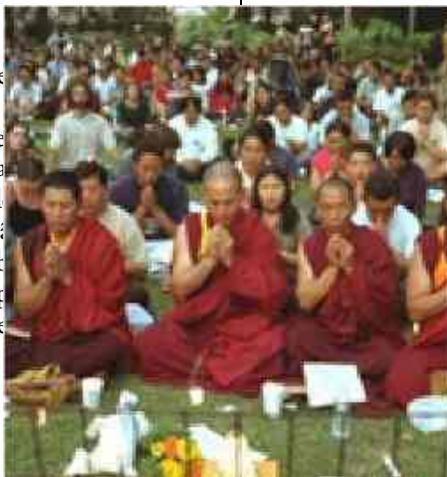
Tem havido muita discussão sobre fanatismo religioso após o 11/9. Eu definiria fanatismo como qualquer manifestação de qualquer religião que diminua a dignidade humana e o valor do indivíduo. A boa religião enaltece a dignidade humana.

Sr. Clack: Os atentados terroristas do 11/9 foram trágicos para as vítimas e seus familiares. Ainda assim, muitas tradições religiosas enfatizam que do mal pode surgir o bem. Os senhores vêem sentido na opinião de que desses atentados pode

ter surgido algum bem?

Rev. Lobenstine: Grande parte do mundo vive numa situação em que predomina a violência e onde a vida diária é ameaçada. O 11 de Setembro foi um acontecimento terrível, mas deu aos americanos a oportunidade de entender o sofrimento de modo doloroso e pungente. Nossa segurança foi abalada e, embora tenha sido terrível, deu-nos a oportunidade de nos unir e perceber que a liberdade não vem de graça e a segurança não é garantida.

Assim, enfrentamos o trauma, enfrentamos a ameaça, mas ao mesmo tempo precisamos garantir a tolerância nas diferentes comunidades dos Estados Unidos: cristãos, judeus, muçulmanos, budistas, hinduístas e ateus. Somos todos membros da mesma família.



Monges tibetanos celebram cerimônia de orações em Union Square, Nova York, em 13 de setembro de 2001

AP/WWP

Rabino Cohen: A meu ver, nossos valores, a abordagem generosa e tolerante para com a nossa religião, em contraste com a versão mesquinha e defensiva, nos dá a

oportunidade de trabalhar em conjunto e entender que Deus nos chama para construir uma comunidade, uma nação de justiça. A cura do mundo é um desafio comum para as comunidades religiosas de todos os credos, e o 11 de Setembro tornou-o ainda maior.

Imã Hendi: Após o 11 de Setembro, os americanos aprenderam que não podem ter a liberdade como certa; não podem ter a segurança como certa; e que precisam estar unidos. Antes do 11 de Setembro, já havia algum diálogo entre judeus e muçulmanos, mas era muito oficial. Após o 11 de Setembro, vi mais diálogos entre judeus e muçulmanos do que jamais havia visto.

No ano passado, 100 rabinos e imãs se encontraram na Europa pela segunda vez na História. A primeira vez foi um ano antes, para falar sobre como rabinos e imãs poderiam tornar-se um farol de esperança para os árabes e os israelenses criarem uma realidade pacífica para os dois lados. Portanto, o 11 de Setembro foi um evento muito trágico e triste, mas uniu judeus e muçulmanos. E, estou certo de que veremos mais exemplos disso nos próximos anos.

Sr. Clack: Que lições os senhores tiraram do 11/9?

Rabino Cohen: Todos nós, os crentes, e aqueles de nós que adotam várias ideologias seculares, somos postos diante de escolhas diariamente. Podemos fazer escolhas humanistas

Nossa capacidade de criar um mundo pacífico depende de nossa habilidade para trabalhar juntos, lado a lado, como parceiros.



ou podemos fazer escolhas duras e severas. Em minha opinião, um princípio orientador que devemos adotar é sempre errar para o lado humanista.

Devemos sempre ter em mente que a humanidade foi criada à imagem de Deus e nos lembrar da Regra de Ouro. O que mais precisamos agora é de enorme boa vontade. Esse é o chamado do momento.

Rev. Lobenstine: Amém. Devo concordar com um trecho do que disse Diana Eck: “Até onde sabemos, só temos um mundo para viver. Não temos um para fazer experiências, dividir, saquear e destruir e outro para viver”. Portanto, nosso desafio como pessoas de fé e homens de boa vontade é encontrar maneiras de nos certificarmos de que estamos gerando vida e protegendo a vida e fazendo justiça no único mundo compartilhado por todos nós.

Imã Hendi: As pessoas falam de derrubar os muros que as separam. Não quero derrubar muros, mas sim transformar esses muros em mesas de confraternização nas quais possamos aproveitar as bênçãos de Deus nesta Terra. Nossa capacidade de criar um mundo pacífico depende de nossa habilidade para trabalhar juntos, lado a lado, como parceiros. Terrorismo, extremismo e violência em nome da religião representam uma ameaça para todos nós. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Aceitar Diferenças e Compartilhar Metas: Rede Religiosa de Búfalo



Cortesia: Rede de Comunidades Religiosas

Membros da Rede de Comunidades Religiosas demonstram sua solidariedade em cerimônia inter-religiosa

Em 1991, o jornal *USA Today* declarou Búfalo, em Nova York, a “Cidade com Coração”. Búfalo tem uma população de mais de 250 mil habitantes e o fato de ser um porto interno influenciou na sua escolha para sede de muitos grupos religiosos e étnicos.

Em 1999, os Ministérios da Área Metropolitana de Búfalo, fundados em 1975, e o Conselho das Igrejas da Área de Búfalo, fundado em 1857, combinaram a criação da Rede de Comunidades Religiosas. “A Rede” compreende membros das tradições baha’i, budista, hindu, judaica, muçulmana, sikh, unitário-universalista, protestante, católica romana e credos cristãos ortodoxos orientais e desenvolveu vários programas para promover a comunicação e a cooperação dentro das comunidades de fé e entre elas e a comunidade de Búfalo como um todo. Sua história de trabalho conjunto ajudou no período pós-ataques de 11 de setembro de 2001.

Imediatamente após os ataques, a comunidade reuniu-se para divulgar uma declaração de unidade e apreensão, pedindo a todos os cidadãos que reagissem de formas positivas. Planejaram e levaram adiante um serviço inter-religioso de oração que lotou uma das maiores igrejas da região. A reunião anual de novembro de 2001 incluiu um debate com a presença de oradores muçulmanos, judeus e protestantes. No mesmo mês, iniciaram uma série educacional de seis meses sobre “O Mundo Islâmico” para ajudar outros grupos a conhecer os vários aspectos do Islã.

Para assinalar o primeiro aniversário do 11 de Setembro, representantes das tradições muçulmana, judaica, hindu, sikh, unitarista, baha’i, americana nativa e cristã se reuniram para expressar paz, unidade e esperança.

A Rede possui quatro programas de televisão regulares, um programa radiofônico semanal e três boletins informativos que chegam com regularidade a 2.500 pessoas de mais de 1.200 congregações e organizações religiosas na área de Búfalo. Os grupos religiosos também trabalham em conjunto nas preocupações compartilhadas, como alimentar os que têm fome. Seu programa despensa de alimentos ajudou a alimentar 15 mil pessoas no ano passado.

Por meio dos programas da Rede, as pessoas estão formando coalizões e pontes de entendimento entre indivíduos e grupos religiosos e em toda a comunidade, enriquecendo as próprias congregações e estimulando a cooperação, o que torna sua cidade mais forte. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Lembrança das Vítimas



Reprodução: Squarred Design Lab, cortesia: LMDC

Vista projetada da praça pública do Reflexo da Ausência, o projeto selecionado para o memorial em homenagem aos que perderam a vida em 11 de setembro de 2001 no World Trade Center de Nova York, em Shanksville, Pensilvânia, e no Pentágono, e também aos que pereceram no atentado contra o World Trade Center em 26 de fevereiro de 1993

Em 11 de setembro de 2009, oitavo aniversário dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, no próprio local do World Trade Center, está programada a inauguração do memorial que não só honrará os mortos, mas também será um lugar onde as gerações futuras poderão refletir sobre o impacto histórico desse dia.

“Este memorial não é para nós. ... É para nossos filhos e netos. Seu objetivo é transmitir a todos que pisarem este solo sagrado a idéia exata do que aconteceu ali e qual a razão de tantas pessoas morrerem para proteger nossa liberdade”, afirmou o prefeito da cidade de Nova York, Michael Bloomberg, ao apresentar em janeiro de 2004 o projeto do memorial, chamado Reflexo da Ausência.

O referido monumento ocupará uma área de 6,5 hectares em homenagem às vítimas dos ataques



Memorial formal planejado para substituir este surgido espontaneamente no local do desastre do voo 93 em Shanksville, Pensilvânia

terroristas contra o World Trade Center, o Pentágono e o voo 93 em Shanksville, Pensilvânia, bem como aos que pereceram no atentado à bomba sofrido pelo World Trade Center em 26 de fevereiro de 1993. Além desse memorial, outros monumentos locais serão erguidos no Pentágono e no local do desastre do voo 93.

Os arquitetos Michael Arad, de Nova York, e Peter Walker, de Berkeley, Califórnia, projetaram o memorial também com o intuito de homenagear os sobreviventes e todos os que participaram do processo de resgate e recuperação.

A proposta do projeto de Arad e Walker vislumbra a criação de “um espaço preñado de sentimentos de perda e ausência gerados pela destruição do World Trade Center”.

O projeto proposto inclui dois grandes espelhos d’água que preencherão os “vazios” das Torres Gêmeas. Eles

serão cercados de árvores e cascatas para deixar bem longe o barulho da cidade. Os nomes das 2.979 vítimas serão inscritos à margem desses espelhos d'água. O hall do memorial, espaço silencioso com vista das cascatas e dos espelhos d'água, será a porta de entrada dos visitantes.

O memorial incluirá um centro para visitantes e outro para fins educacionais. Um museu interpretativo de 9 mil metros quadrados compartilhará histórias dos atentados e contos de heroísmo individual.

O local também disporá de um espaço para os visitantes acenderem velas ou realizarem uma discreta cerimônia religiosa. Haverá também uma área onde as famílias das vítimas poderão reunir-se e outra que servirá de morada final dos restos mortais não identificados encontrados no World Trade Center.

O memorial busca “incentivar a reflexão e a contemplação”, bem como “evocar o significado histórico” do 11 de Setembro, de acordo com os princípios norteadores do programa do memorial, redigidos pela Corporação de Desenvolvimento da Baixa Manhattan

(LMDC). O memorial busca “inspirar e envolver as pessoas para que elas possam aprender mais sobre os eventos e o impacto” dos atentados terroristas.

A LMDC lançou em abril de 2003 uma concorrência – a maior da história – para escolher o projeto do memorial. O júri, composto por 13 pessoas de formações diversas, inclusive artistas, membros das famílias das vítimas, representantes do governo e moradores da área avaliaram 5.201 propostas de 63 países e 49 estados antes de optarem pelo plano de Arad e Walker.

O trabalho preliminar sobre o Reflexo da Ausência começou em março de 2006. O governador de Nova York, George Pataki, e o prefeito da cidade de Nova York, Michael Bloomberg, divulgaram em junho um relatório com o projeto de construção do memorial, dentro do orçamento estimado de US\$ 500 milhões. O projeto está atualmente em análise, e a expectativa é de que o projeto final seja adotado em breve. ■



Cortesia: Kaseman Beckman Amsterdam Studio (KBAS)

Em 15 de junho de 2006, no estado da Virgínia, foi realizada a cerimônia de lançamento dos trabalhos do Memorial do Pentágono, o qual será erguido em homenagem às 184 pessoas mortas em 11 de setembro de 2001 no ataque contra a sede do Departamento de Defesa dos EUA. Segundo os designers do memorial, Kaseman Beckman Amsterdam Studio (KBAS), haverá um lugar onde cada vítima terá seu nome inscrito para sempre, bem como um espelho d'água repleto de luzes incandescentes e outros detalhes que “gravarão e expressarão para sempre a pura magnitude da perda” vivida como resultado do atentado terrorista

Novos Começos



Os empregados-donos do restaurante Colors incluem membros da equipe de garçons (da esquerda para a direita): Awal Ahmed, de Bangladesh; Rosario Cera, do México; Sonali Mitra, da Índia; e Memon Ahmed, Mohamed Quddus e Mohamed Ali, todos de Bangladesh

Estes artigos, de Barbara Schoetzau, da Voz da América, e de Carol Hymowitz, do Wall Street Journal, contam a história de alguns sobreviventes dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 que transformaram a tragédia em novo começo para si próprios e para suas famílias.

RESTAURANTE DE SOBREVIVENTES DO 11 DE SETEMBRO TEM UMA MISSÃO

Em uma cidade como Nova York, que tem mais de 15 mil restaurantes, é difícil atrair a atenção. Mas o novo restaurante Colors se destaca por causa de seus donos. O Colors é propriedade de um grupo de imigrantes sobreviventes, antigos funcionários do Windows on the World, o restaurante que ficava no topo de uma das torres destruídas pelos atentados terroristas de 11 de setembro.

Uma das imagens mais marcantes do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 contra Nova York é o de um vulto vestido de branco, o chapéu de *chef* apontando para baixo, caindo no espaço. Aparentemente ele se jogou do alto de 106 andares para fugir das chamas e do intenso calor do fogo.

Mais de 70 empregados e 100 clientes do Windows on the World morreram nesse inferno.

Os funcionários que sobreviveram — garçons e garçonetes, cumins e cozinheiros — hoje dirigem seu próprio restaurante, chamado Colors.

Para eles, como acontece com o barman Patricio Valencia, o restaurante é um tributo aos colegas mortos e um símbolo de independência.

“Depois da tragédia, foi muito difícil encontrar emprego. Após três anos dando duro toda semana, todo mês, finalmente isso se tornou realidade.”

Os novos proprietários do restaurante, que representam mais de 20 nações, contribuíram para o cardápio com receitas de seus países de origem, conferindo-lhe um sabor decididamente internacional. Os fregueses podem escolher pratos de todas as partes do globo: carne de porco em tiras e arroz colombiano, rolinhos primavera filipinos, frango tailandês com mamão, risoto italiano, salada de moluscos haitiana, frutos do mar congolezes, bolos de arroz peruanos.

Fekkad Mamdouh diz que a comida e a atmosfera diferenciam o Colors. “O *chef* conversou com todos os funcionários para obter alguma coisa de seus países e produzir algo ótimo. É incrível. Todo mundo está falando da comida. E também do serviço”.

Stefan Mailvaganam diz que até o estilo simples da decoração da década de 1930 e as paredes do restaurante totalmente cobertas por mapas trazem uma mensagem. “Na perspectiva da história americana, foi um período de muita reforma social, seja o New Deal, seja produzindo redes de segurança social para os Estados Unidos, e foi quando muitas coisas aconteceram. Por isso, estamos



Foto: Barry Fitzgerald

Kissima Saho (primeiro plano), cozinheiro de carreira da Costa do Marfim, e Jean Pierre, *sous-chef* do Haiti, preparam uma variedade de itens do cardápio na cozinha projetada ergonomicamente. As áreas de corte e de preparação são mais altas que o normal para que os trabalhadores não precisem curvar-se demais, forçando as costas

dizendo não apenas que somos de todos os outros lugares como também comemoramos o fato de os Estados Unidos serem uma terra de imigrantes. Temos mapas em toda parte.”

Mailvaganam diz que não foi fácil obter financiamento de US\$ 2 milhões para um negócio de propriedade dos funcionários, especialmente quando são imigrantes.

“Estamos aqui para provar que isso é possível. Estamos aqui para provar que existe outra maneira de fazer as coisas e que trabalhar em equipe muitas vezes é melhor do que trabalhar individualmente. Já tivemos problemas com a equipe a esse respeito. Porém, para que o restaurante seja bem-sucedido, será preciso que maioria das pessoas acredite nessa visão.”

O Colors recebeu importante apoio do Centro de Colocação em Restaurantes, grupo de defesa do bem-estar dos empregados.

O diretor do grupo, Saru Jayaraman, diz que o Colors estabelecerá novo padrão setorial para o ramo dos restaurantes. “O objetivo principal da nossa organização é lutar para melhorar as condições de trabalho de todos os que trabalham nos restaurantes da cidade de Nova York, todos os 165 mil. Estamos usando uma das muitas ferramentas de melhoria das condições de trabalho, ou seja, criando uma maneira diferente de fazer as coisas. Bons salários. Boas condições de trabalho.”

Um dos grandes desafios para o funcionário, mesmo que seja lavador de pratos ou cumim, é acostumar-se a ser dono.

Mamdouh acrescenta: “A maioria das coisas que vocês vêem aqui — o design, a escolha do *chef*, a escolha da mesa, a decisão de como será o bar, como será este copo — tudo foi feito de modo democrático. Precisamos nos acostumar à idéia de que cada um de nós é dono deste restaurante de US\$ 2 milhões.”

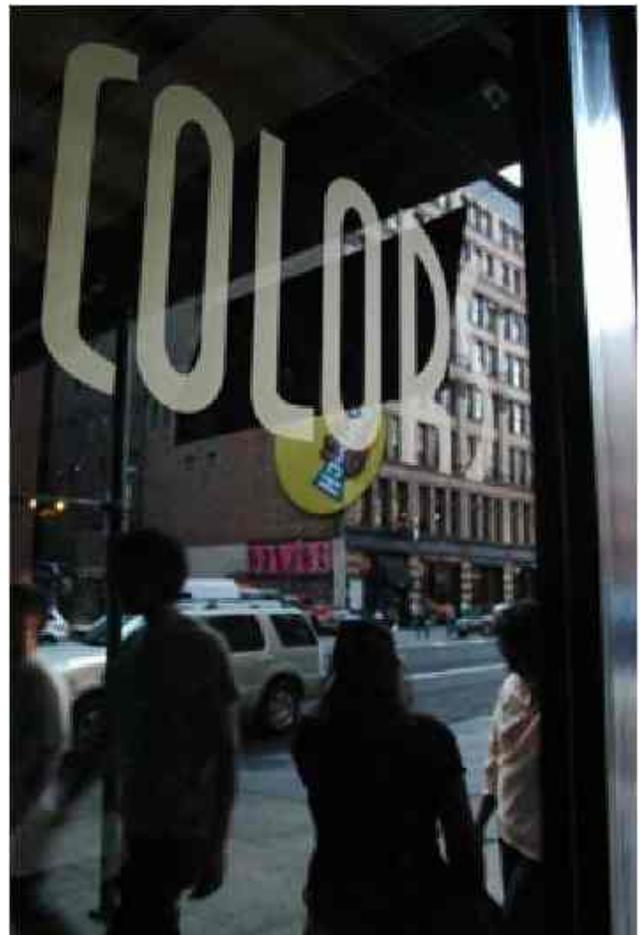


Foto: Barry Fitzgerald

O restaurante Colors está localizado no coração de Greenwich Village, próximo ao histórico Teatro Público da cidade de Nova York

As primeiras críticas foram boas. Mas a concorrência ainda é feroz, e Mailvaganam sabe que muita coisa está em jogo. “Suponho que o aspecto negativo seja o fato de tantos restaurantes fracassarem. Mas, francamente, os interesses em jogo são muito maiores. As ambições e a missão deste restaurante são bastante nobres. Por isso, queremos que tenha êxito.”

Barbara Schoetzau, Voz da América, 15 de março de 2006

RECOMEÇO: DESDE O 11 DE SETEMBRO, UM ENFRENTA DESAFIOS, O OUTRO PROCURA MUDAR

A tragédia não apenas nos impulsiona a mudar, muitas vezes nos impele a assumir riscos como jamais havíamos ousado. Essa foi, por certo, a experiência de centenas de sobreviventes dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Além de afligir-se por seus entes queridos e de fazer enormes ajustes em sua vida pessoal, muitos mudaram de carreira.

Para **William M. Brown III**, ex-gerente de projetos e arquiteto inspetor de construção na Autoridade Portuária de Nova York e Nova Jersey, o último 11 de setembro foi um dia de perdas e de recomeço. Trinta e cinco de seus colegas, 16 dos quais do seu próprio departamento no 88º andar do World Trade Center, morreram nos atentados.

Brown, 48 anos, não estava à sua mesa naquele dia apenas porque tinha levado seu filho de 13 anos à escola e se atrasara para o trabalho. Ele estava em uma balsa, indo para a baixa Manhattan, quando viu o segundo avião atingir a torre. “Sabia que era um atentado terrorista e que meu andar havia sido atingido”, diz.

Durante meses, Brown pensou em largar o emprego a abrir sua própria empresa de arquitetura. Aos 30 e poucos anos, havia trabalhado em uma empresa de arquitetura fundada por seu pai, mas o negócio foi dissolvido depois de sua morte, em 1993. “Conservei o sonho de ter minha própria empresa”, confessa ele, “mas estava indeciso, ponderando se teria dinheiro suficiente e se conseguiria. Os atentados me tiraram da indecisão para dar a partida. Pensei, então: ‘Você vive apenas uma vez; não terá uma segunda oportunidade, siga seu coração’”, conclui.

Brown montou um escritório em sua casa em Verona, Nova Jersey, e contou aos amigos arquitetos que estava à procura de projetos. Contou também com os contatos que tinha como presidente do Instituto Americano de Arquitetos em Nova Jersey. “Fui abençoado, porque conheço pessoas em todo o estado e não tive de fazer marketing pesado para conseguir trabalhos”, afirma.

Entre seus projetos atuais encontram-se: a expansão de uma igreja em South Orange, Nova Jersey, a renovação do espaço de sala de aula em uma igreja de Newark e o projeto de ampliação de uma residência.

Se tivesse ficado na Autoridade Portuária, provavelmente teria tido de mudar de departamento, mas teria mantido seu salário de US\$ 75 mil anuais. Ele ainda não consegue ganhar isso.

O atentado aumentou seu desejo de executar um trabalho que tivesse algum significado. “Era muito importante para mim usar a arquitetura para tornar as comunidades mais habitáveis para as famílias, especialmente para os habitantes de menor renda e os menos favorecidos”, diz Brown.

Desde que abriu sua empresa, tornou-se membro ativo do Rebuilding Together (Reconstruindo Juntos), grupo que utiliza voluntários na renovação de habitações urbanas para os necessitados. “Sou apenas uma voz, mas quero fazer minha parte”, acrescenta.

Enquanto isso, mantém contato com antigos colegas e planeja ver alguns deles no aniversário do atentado. Mas também reservará uma parte do dia. “Vou levantar cedo para ir à igreja rezar por meus amigos que perderam a vida e a família — e também agradecer o dia”, diz.

Erodothe Jacques teve poucas das escolhas ou vantagens profissionais com que Brown contou ao mudar de carreira. Imigrante haitiano, havia trabalhado no ramo de restaurantes desde sua chegada em Nova York, em 1981. Era gerente da Padaria Bouley e garçom do Danube em Tribeca, poucas quadras ao norte do Ponto Zero.

Extrovertido e bem apessoado, tratava seus clientes e vizinhos pelo nome e jamais pensara em mudar de emprego. Mas o Danube, assim como outras empresas de Tribeca, ficou fechado durante meses depois do atentado, e Jacques não foi recontratado quando o restaurante finalmente reabriu. “No começo serviam apenas jantar, e não tinha lugar para mim”, relata.

Procurou emprego em diversos outros restaurantes em toda a cidade, mas nenhum estava contratando. Para não afundar e poder sustentar a mulher e quatro filhos, três dos quais na faculdade, contou com o seguro-desemprego e o dinheiro da assistência da Cruz Vermelha, do Exército da Salvação e de outras instituições de caridade. Mas com o passar dos meses foi ficando mais ansioso.

Neste verão, Jacques, 52 anos, chegou à conclusão de que tinha de ampliar sua busca por emprego. Ficou sabendo de um curso de seis meses sobre tecnologia para consultórios e faturamento médico e recebeu ajuda do governo para pagar os estudos. “Meus dedos estão duros e digito muito mal, não tão depressa como alguns colegas de classe mais jovens”, brinca.

Mas está determinado a acabar arranjando um bom emprego em algum hospital. “Creio que sempre pode haver um novo começo”, diz. ■

Carol Hymowitz, Copyright 2002 por Dow Jones & Company, Inc. Reproduzido com permissão de Dow Jones & Company, Inc, pelo Centro de Autorização para Direitos Autorais.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Reação Mundial ao Terrorismo: Uma História em Fotos



© Andreas Comas/Reuters/CORBIS

Jovem migrante exibe cartaz com a frase “Não ao terrorismo; o Islã não mata” durante manifestação em solidariedade às vítimas das bombas na estação ferroviária de Madri

Os terroristas do mundo todo usam o medo para afastar as pessoas, instigar os adeptos de um credo contra os de outro, um grupo étnico contra outro e os partidários de uma ideologia político-econômica contra os de outra. Algumas vezes eles conseguiram disseminar o medo, mas suas ações afinal resultaram na união de povos de todas as partes do mundo em solidariedade para combater esse flagelo. Vemos aqui como pessoas de várias regiões reagiram aos atentados terroristas, algumas em suas cidades natais, outras em lugares distantes. Elas estão unidas no combate aos ataques terroristas e na determinação de progredir.

Em 12 de março de 2004, milhares de manifestantes lotaram uma praça na cidade de Pamplona, no nordeste basco da Espanha, para protestar contra os ataques a bomba aos trens de Madri, no dia anterior



AP/WIDEWORLD



AP/WIDEWORLD

Em 12 de março de 2004, espanhóis residentes na Cidade do México exibiam cartazes com os dizeres “Não ao Terrorismo”, em protesto contra os atentados terroristas ocorridos em Madri um dia antes



AP/WIDEWORLD

Em 8 de julho de 2005, ativistas sul-coreanos bradavam slogans contra o terrorismo em manifestação em frente da embaixada inglesa em Seul, na Coréia do Sul. As frases eram “Contra os bombardeios em Londres. Paz na Aldeia Global”



AP/WWP

Marcha de quenianos contra o terrorismo no mundo, em Nairóbi, no Quênia, em 29 de setembro de 2001



AP/WWP

Mulheres paquistanesas com velas e cartazes participam de manifestação contra o terrorismo no 30 aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos



AP/WWP

Manifestantes protestam em frente ao Ghazala Gardens Hotel, em Sharm el-Sheik, Egito, em julho de 2005. O hotel foi cenário de um dos vários atentados terroristas que causaram a morte de 88 pessoas no dia anterior ao da manifestação



AP/WWP



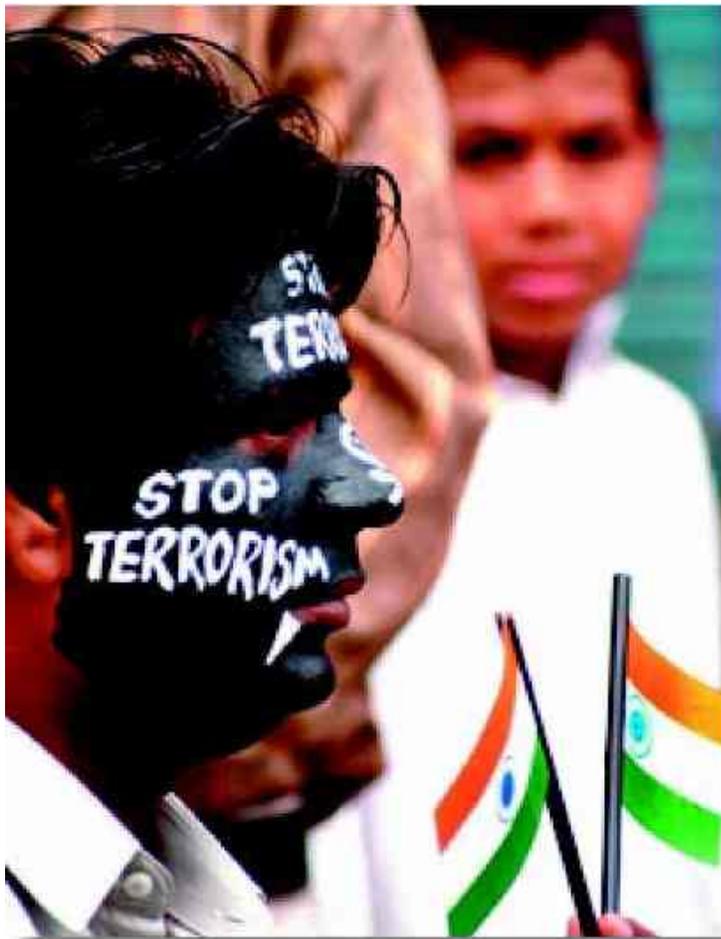
AP/WWP

Cidadãos etíopes participam de manifestação antiterrorista organizada pela comunidade etíope de Roma, Itália, em agosto de 2005, para demonstrar seu repúdio ao etíope suspeito de participar dos atentados a bomba em Londres, que viajou para Roma após o fracasso dos ataques em 21 de julho. O cartaz dizia “Unidos contra o Terrorismo”

Duas mulheres muçulmanas exibem cartazes onde se lê “Terror não tem Religião” e “Unidos contra o Terror” durante protesto contra o terrorismo em Frankfurt, Alemanha, em julho de 2005



AP/WWP



AP/WWP

Ativista do Conselho Mahatma Gandhi pela Paz Mundial exibe miniaturas de bandeiras indianas durante manifestação antiterrorista na véspera do aniversário de morte do ex-primeiro ministro indiano Rajiv Gandhi em Bhopal, na Índia, em maio de 2005

O Terrorismo Afeta Todos Nós

De acordo com o Instituto Memorial Nacional de Prevenção do Terrorismo (MIPT), o terrorismo é definido pela natureza do ato — violência, em geral contra civis, com o propósito de gerar medo, alarme e intimidação —, e não pela identidade dos autores do crime. O terrorismo pode ocorrer, e de fato ocorre, em qualquer lugar. Estas estatísticas revelam o alcance mundial e a natureza indiscriminada dos atentados terroristas:

11 mil	Número de incidentes terroristas no mundo todo em 2005
40 mil	Número de pessoas (em mais de 80 países) mortas ou feridas por terroristas em 2005
10 mil+	Número estimado de muçulmanos mortos ou feridos por terroristas em 2005
35 mil	Número de pessoas seqüestradas por terroristas em 2005
1 mil	Número de crianças mortas ou feridas por terroristas em 2005
420	Número total de religiosos, professores e jornalistas mortos ou feridos por terroristas em 2005
90+	Número de países de origem dos mortos em 11 de setembro de 2001 (Departamento de Estado dos EUA)

Fonte: Centro Nacional de Contraterrorismo dos EUA, salvo observação em contrário.

Reconstrução em Várias Partes do Mundo: a História em Fotos

Exemplos de atentados terroristas no mundo 1984-2006

Amritsar, Índia	Junho de 1984
Lockerbie, Escócia	Dezembro de 1988
Ténéré, Níger	Setembro de 1989
Lima, Peru	Julho de 1992
Tóquio, Japão	Março de 1995
Cidade de Oklahoma, EUA	Abril de 1995
Manchester, Inglaterra	Junho de 1996
Jerusalém, Israel	Setembro de 1997
Nairóbi, Quênia	Agosto de 1998
Dar es Salaam, Tanzânia	Agosto de 1998
Omagh, Irlanda do Norte	Agosto de 1998
Segória, Colômbia	Outubro de 1998
Luanda, Angola	Agosto de 2001
Washington, D.C. e Nova York, EUA	Setembro de 2001
Bali, Indonésia	Outubro de 2002
Madri, Espanha	Março de 2004
Beslan, Rússia	Setembro de 2004
Londres, Inglaterra	Julho de 2005
Sharm el-Sheik, Egito	Julho de 2005
Samarra, Iraque	Fevereiro de 2006
Mumbai, Índia	Julho de 2006



AP/WWP

Obras em andamento em 2006 no local do antigo World Trade Center

A lista acima, que relaciona os principais atentados terroristas nos últimos 20 anos, está longe de ser completa. Os autores não respeitam fronteiras geográficas; podem ser extremistas religiosos ou políticos; podem ser estrangeiros ou nativos do país de ocorrência. O que eles têm em comum é o objetivo de disseminar o medo entre a população civil.

Seguem-se fotos de seis locais antes e depois desses atentados, mostrando como as pessoas em todo o mundo têm enfrentado o terrorismo.

Cidade de Oklahoma, EUA



Milhares de pessoas que trabalham em serviços de busca e resgate participam de cerimônia religiosa em frente ao Edifício Federal Alfred P. Murrah na Cidade de Oklahoma , Oklahoma, após atentado com carro-bomba em 19 de abril de 1995

AP/WWP



O Memorial Nacional da Cidade de Oklahoma, em homenagem às vítimas da explosão do edifício Murrah, foi inaugurado em 19 de abril de 2000, ocasião do quinto aniversário da tragédia

AP/WWP

Nairóbi, Quênia



AP/WWP

O edifício do Co-Operative Bank House em Nairóbi, no Quênia, foi seriamente atingido por um carro-bomba da Al Qaeda que explodiu em frente à Embaixada dos EUA em 7 de agosto de 1998

O governo americano financiou a reconstrução do edifício do Co-Operative Bank House, que aparece aqui em foto de 5 de junho de 2003



AP/WWP

O Pentágono, EUA



A cúpula do Capitólio em Washington, D.C., vista ao nascer do sol em 16 de setembro de 2001 por trás do local da explosão que atingiu o Pentágono. Cento e oitenta e quatro pessoas morreram quando um avião seqüestrado colidiu com o edifício

AP/WWP

No primeiro aniversário dos atentados do 11/9, em 11 de setembro de 2002, o presidente George W. Bush conduziu cerimônia em homenagem aos mortos no Pentágono reconstruído



AP/WWP

Bali, Indonésia



AP/WWP

Turistas estrangeiros com suas bagagens passam pelo local do atentado a bomba na praia de Kuta, na ilha de Bali, Indonésia, em 14 de outubro de 2002



Esta foto de maio de 2006 mostra turistas de volta à praia de Kuta

AP/WWP

Madri, Espanha



AP/WWP

Ferrovários e policiais espanhóis examinam os escombros de um trem destruído na Estação Atocha de Madri após as explosões que mataram quase 200 passageiros e feriram mais de 1.200 em 11 de março de 2004



AP/WWP

Passageiros entram e saem de trem na Estação Atocha em março de 2006

Londres, Inglaterra



AP/WWP

Em 7 de julho de 2005, quatro homens-bomba atacaram o sistema de transporte público de Londres matando 52 pessoas e eles próprios ao detonar explosivos escondidos em mochilas em três trens do metrô e neste ônibus



AP/WWP

No primeiro aniversário dos atentados de Londres, o sistema de transporte já havia voltado ao normal, como demonstram esses passageiros em fila para pegar um ônibus na hora do rush na Estação King's Cross

Mitos sobre o Terrorismo da Al Qaeda

Marc Sageman, M.D., Ph.D.



O Dr. Marc Sageman é pesquisador independente sobre terrorismo, além de fundador e dono da Sageman Consulting LLC em Rockville, Maryland. Também é membro sênior do Instituto de Pesquisa sobre Política Externa da Filadélfia, Pensilvânia, e pesquisador associado sênior do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de

Washington, D.C. Formado pela Universidade de Harvard em 1973, possui títulos de doutor em medicina e Ph.D. em sociologia política pela Universidade de Nova York.

A pesquisa do Dr. Sageman foi publicada com o título Understanding Terror Networks (Para Entender as Redes do Terrorismo) (University of Pennsylvania Press 2004). A amostra utilizada em seu estudo continha membros da Al Qaeda do Oriente Médio, Sudeste Asiático, Norte da África e Europa. O Dr. Sageman apresentou os resultados de sua pesquisa em depoimento à Comissão Nacional sobre Atentados Terroristas contra os Estados Unidos (também conhecida como Comissão de 11/9) e agora presta consultoria sobre terrorismo a vários órgãos do governo.

A atual onda de terrorismo suicida ligada à Al Qaeda desafia qualquer explicação simples. Em consequência, muitos mitos dominam a percepção geral sobre essa forma de terrorismo. Os comentários que se seguem foram baseados em material biográfico de mais de 400 terroristas afiliados à Al Qaeda e põem em xeque tal percepção.

Mito: O terrorismo vem da pobreza.

Realidade: A grande maioria dos terroristas da amostra estudada pertence à classe média e as lideranças, à classe alta. Isso vale para a maior parte dos movimentos políticos, inclusive os movimentos terroristas, e a Al Qaeda não é diferente. Embora a Al Qaeda justifique suas operações alegando agir em nome de seus irmãos pobres, sua ligação com a pobreza é, na melhor das hipóteses, vicária.

Mito: Os terroristas são jovens ingênuos.

Realidade: A média de idade dos homens que se engajam em organizações terroristas é de 26 anos. São jovens adultos, completamente responsáveis por suas ações. Contudo, talvez devido à importância cada vez maior da internet, que atrai pessoas mais novas, a média de idade está caindo. Na internet, esses jovens encontram os mitos da Al Qaeda e alguns são levados a executar operações em seu nome, mesmo sem nunca ter conhecido ou recebido instruções de alguém de dentro da Al Qaeda. Nos dois últimos anos, a média de idade dos terroristas presos que pertenciam à Al Qaeda caiu para 22 anos.

Mito: As madrassas, internatos islamitas que pregam o ódio ao Ocidente, fazem lavagem cerebral nos jovens muçulmanos para transformá-los em terroristas.

Realidade: Na minha amostra, somente 13% dos terroristas freqüentaram madrassas, e essa prática era específica do Sudeste Asiático, onde dois mestres, Abdullah Sungkar e Abu Bakar Baasyr, recrutavam os melhores alunos para formar a espinha dorsal do Jemaah Islamiyah, grupo extremista indonésio ligado à Al Qaeda. Isso significa que 87% dos terroristas da amostra receberam educação secular.

Mito: O radicalismo islâmico transformou jovens muçulmanos em terroristas, e exportou violência para o Ocidente.

Realidade: Na amostra, a grande maioria dos terroristas da Al Qaeda pertencia a famílias de religiosidade moderada ou com uma visão de mundo totalmente secular. Na verdade, 84% radicalizaram-se no Ocidente, e não em seus países de origem. Em geral, vieram para o Ocidente para estudar, e na ocasião não tinham nenhuma intenção de tomar-se terroristas. Cerca de 8% eram cristãos convertidos ao islamismo, portanto não poderiam ter sido doutrinados para a violência por sua cultura.

Mito: Os terroristas têm baixo grau de instrução e se filiam à Al Qaeda por ignorância.

Realidade: Cerca de dois terços dos pesquisados haviam freqüentado faculdade, ao passo que, em suas comunidades de origem, menos de 10% das pessoas tinham cursado ensino superior. Apesar do grau de instrução, eles não tinham muito conhecimento de religião; entretanto,

muitos haviam estudado engenharia, o que os tornou duplamente perigosos. A relativa falta de educação religiosa deixou-os mais vulneráveis a uma versão extrema do islamismo, e eles tinham capacidade para construir bombas.

Mito: Os terroristas suicidas da Al Qaeda são homens solteiros, sem nenhuma responsabilidade familiar.

Realidade: Algumas pessoas afirmam que a falta de oportunidade sexual dos jovens muçulmanos transforma sua frustração em terrorismo suicida para conquistar o céu como recompensa, principalmente o acesso às 72 virgens. Na verdade, três quartos dos terroristas da Al Qaeda são casados e dois terços deles têm filhos (e muitos). Esse aparente paradoxo é explicado pelo fato de que eles querem recrutar muitas crianças para o jihad, enquanto se sacrificam por sua causa e seus companheiros.

Mito: Os terroristas da Al Qaeda entram na organização por desespero, pois não têm nenhuma habilidade ocupacional de interesse para o mercado.

Realidade: Na amostra estudada, aproximadamente 60% dos terroristas da Al Qaeda tinham uma atividade profissional ou semiprofissional. Isso está mudando, porque a nova geração de terroristas é mais jovem, com menos formação que os da antiga geração.

Mito: Os terroristas da Al Qaeda são criminosos comuns.

Realidade: Pouquíssimos terroristas da Al Qaeda tinham antecedentes criminais. Nenhum dos 19 perpetradores dos ataques terroristas de 11/9 nos Estados Unidos tinha ficha criminal em nenhum país. Isso está mudando, em especial na Europa Ocidental, onde os novos recrutas da Al Qaeda vêm da geração “excluída” e recorrem a pequenos crimes ou ao tráfico de drogas para se manter.

Mito: Os terroristas da Al Qaeda, em especial aqueles que se matam, são simplesmente loucos ou sofrem de algum transtorno de personalidade.

Realidade: Na amostra estudada, praticamente não havia casos de doença mental. Isso faz sentido, pois as pessoas com doença mental logo são cortadas das organizações clandestinas por razões de segurança.

Mito: Os terroristas da Al Qaeda são recrutados por líderes carismáticos, que atacam vítimas solitárias e vulneráveis.

Realidade: O recrutamento na Al Qaeda foi feito com base na amizade e nos laços de sangue, não na persuasão dos recrutadores. Cerca de dois terços dos terroristas da amostra eram amigos antes de sequer pensar em entrar para uma organização terrorista. Eles formaram um grupo radical e, juntos, decidiram entrar para a Al Qaeda. O melhor exemplo é o grupo de Hamburgo, que levou à operação de 11/9. Oito amigos decidiram se filiar e viajaram juntos para o Afeganistão em duas levadas. A primeira consistiu nos pilotos e a segunda, no grupo de apoio. Depois, mais uma pessoa da família juntou-se ao grupo. Eles tinham parentes próximos, pais, irmãos ou primos de primeiro grau que já eram membros da Al Qaeda. Simplesmente juntaram-se a suas famílias. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Recursos na Web

11 DE SETEMBRO DE 2001

11 de Setembro e Depois

<http://www.lii.org/pub/topic/September11>

Este site do Índice de Internet da Biblioteca é um diretório abrangente de recursos organizados por subtópicos, incluindo recursos para crianças e educadores, cronogramas, mapas, artigos e histórias contadas. Fornece uma lista separada de links para materiais incluídos recentemente, entre os quais um perfil de Abu Musab al-Zarqawi e o uso da tecnologia pelos terroristas.

11 de Setembro: Testemunhas da História

<http://americanhistory.si.edu/september11/>

A exposição comemorativa do Museu Nacional de História Americana apresenta uma seleção de objetos, imagens e histórias pessoais sobre as conseqüências dos atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos.

Arquivo Digital do 11 de Setembro

<http://911digitalarchive.org/>

Coleção de relatos pessoais sobre os eventos de 11 de setembro e suas conseqüências, incluindo entrevistas, histórias pessoais (disponível também em espanhol), fotografias, mensagens de e-mail, documentos (relatórios, artigos, memorandos) e links comentados para outros sites relevantes. Inclui extensos arquivos de áudio e vídeo.

Atentado ao World Trade Center: Os Documentos Oficiais

<http://www.columbia.edu/cu/lweb/indiv/usgd/wtc.html>

Este site das Bibliotecas da Universidade de Colúmbia é um guia seletivo de documentos oficiais do governo dos EUA a respeito do atentado terrorista ao World Trade Center na cidade de Nova York em 11 de setembro de 2001.

Bibliografia Comentada de Documentos do Governo Relacionados com a Ameaça de Terrorismo e os Atentados de 11 de setembro de 2001

<http://www.odl.state.ok.us/usinfo/terrorism/911.htm>

Compilação, pelo Departamento de Bibliotecas de Oklahoma, de documentos do governo dos EUA relativos a uma ampla gama de questões envolvendo os atentados terroristas de 11 de setembro e a guerra internacional contra o terrorismo.

Marco Um: Vozes da Chinatown Pós-11/9

<http://911digitalarchive.org/chinatown/>

Vinte e seis pessoas de Chinatown, em Manhattan, bairro situado a dez quadras do World Trade Center, discutem as mudanças infligidas à sua comunidade desde o 11 de Setembro de 2001. Entrevistas em profundidade com esses

indivíduos são complementadas com trechos de vídeo das entrevistas selecionadas. O site está disponível também em chinês.

Museu da Web do 11 de Setembro

<http://lcweb2.loc.gov/cocoon/minerva/html/sept11/sept11-about.html>

Preserva as manifestações de indivíduos, grupos, imprensa e instituições dos Estados Unidos e do mundo inteiro divulgadas pela internet após o 11 de Setembro. Dos mais de 30 mil sites selecionados e arquivados de 11 de setembro a 1º de dezembro de 2001, cerca de 2.300 estão catalogados e disponíveis para busca e navegação.

Projeto Documentário sobre o 11 de Setembro de 2001

http://memory.loc.gov/ammem/collections/911_archive/

Oferecida pela Biblioteca do Congresso, esta apresentação on-line de cerca de 200 entrevistas em áudio e vídeo, itens gráficos e narrativas escritas capta as diferentes opiniões de americanos e de outros nos meses seguintes aos ataques terroristas ao World Trade Center, ao Pentágono e ao voo 93 da United Airlines. Para idéias curriculares veja: <http://memory.loc.gov/learn/collections/sept11/>.

Recursos sobre o 11 de Setembro

<http://www.ibiblio.org/slanews/internet/911/>

Seleção de documentos sobre os eventos de 11 de setembro de 2001 e suas conseqüências, além de links para outros recursos.

TERRORISMO

Os cinco sites a seguir são do Departamento de Estado dos EUA:

A Guerra dos Estados Unidos contra o Terrorismo

<http://www.lib.umich.edu/govdocs/usterror.html>

Este site do Centro de Documentação da Universidade de Michigan inclui informações sobre atentados terroristas no mundo inteiro, questões de segurança nacional, iniciativas de contraterrorismo e referências históricas.

Base de Conhecimento sobre Terrorismo

<http://www.tkb.org>

Desenvolvido pelo Instituto Memorial Nacional de Prevenção do Terrorismo (MIPT), essa base de dados é um "recurso para pesquisa e análise abrangentes sobre incidentes terroristas no âmbito global; processos judiciais relacionados com terrorismo; e grupos e líderes terroristas".

Centro Nacional de Contraterrorismo (NCTC)

<http://www.nctc.gov>

Criado por lei em dezembro de 2004, o NCTC funciona como principal organização do governo dos EUA para integrar e analisar todas as informações de inteligência pertinentes a atividades de terrorismo e contraterrorismo. O NCTC mantém uma base de dados sobre incidentes terroristas e relatórios afins para busca.

Comissão Nacional sobre Atentados Terroristas Contra os Estados Unidos

<http://www.9-11commission.gov/>

Também conhecida como Comissão 11/9, essa comissão bipartidária independente divulgou seu relatório final sobre as circunstâncias envolvendo o 11 de Setembro de 2001 e os ataques terroristas de 22 de julho de 2004. O relatório, disponível em PDF e html, em parte ou na íntegra (7,4 mb), e outros materiais relacionados da comissão estão disponíveis para download.

Equipe de Contraterrorismo dos EUA

<http://www.state.gov/s/ct/team/index.htm>

Este site contém links para várias agências do governo dos EUA que trabalham para garantir esforços integrados e eficazes de contraterrorismo.

Escritório de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA

<http://www.state.gov/s/ct/>

A missão da Coordenadoria de Contraterrorismo é formar parcerias com atores não governamentais, organizações multilaterais e governos estrangeiros para fazer avançar os objetivos de contraterrorismo e segurança nacional dos Estados Unidos. Este site contém links para discursos, documentos e relatórios oficiais.

Instituto Memorial Nacional de Prevenção do Terrorismo (MIPT)

<http://www.mipt.org/>

O MIPT é uma corporação independente e sem fins lucrativos fundada na cidade de Oklahoma em resposta ao bombardeio que lá ocorreu em 1995. O instituto se dedica a prestar ajuda na prevenção do terrorismo e na mitigação de seus efeitos. O site inclui uma lista de cursos de treinamento sobre combate ao terrorismo e prontidão emergencial oferecidos em todo o país; uma bibliografia com milhares de livros sobre assuntos relacionados com terrorismo; e um local para a troca de informações entre os profissionais de serviços de emergência – policiais, bombeiros e equipes médicas.

Organizações Internacionais

<http://www.state.gov/s/ct/intl/iol>

Lista de links para parceiros importantes na luta global contra o terrorismo internacional.

Para Entender as Redes do Terrorismo

[http://www.fpri.org/enotes/20041101.middleeast.sageman.un](http://www.fpri.org/enotes/20041101.middleeast.sageman.understandingterrornetworks.html)
[derstandingterrornetworks.html](http://www.fpri.org/enotes/20041101.middleeast.sageman.un/derstandingterrornetworks.html)

Ensaio de Marc Sageman publicado no site do Instituto de Pesquisa sobre Política Externa em 1º de novembro de 2004. Sageman é autor de um livro com o mesmo título, publicado em 2004 pela University of Pennsylvania Press; informações sobre o livro estão disponíveis no site <http://www.upenn.edu/pennpress/book/14036.html>

Relatórios do País sobre Terrorismo

<http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/>

Este relatório anual, publicado anteriormente com o nome Padrões de Terrorismo Global, “cobre os desdobramentos em países onde ocorreram atos terroristas, naqueles cujo governo patrocina o terrorismo e nos países... de interesse especial para a guerra global contra o terrorismo”. Leia os históricos desses relatórios no site

<http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/2006/63453.htm>

Resoluções Internacionais sobre Terrorismo

<http://www.state.gov/s/ct/intl/c4353.htm>

Resoluções de antiterrorismo das Nações Unidas, da Organização dos Estados Americanos, da Organização do Tratado do Atlântico Norte, da União Europeia e de outras organizações internacionais.

SEGUINDO EM FRENTE

Construção do Memorial

<http://buildthememorial.org>

Informações de referência, histórias pessoais, fotos, áudio e vídeo sobre os projetos do Memorial do World Trade Center, Reflexo da Ausência e Museu do Memorial, com inauguração programada para setembro de 2009.

Corporação de Desenvolvimento da Baixa Manhattan (LMDC)

<http://renewnyc.com>

Criada em consequência do 11 de Setembro, a LMDC está encarregada da coordenação da reconstrução e revitalização da Baixa Manhattan, incluindo o desenvolvimento do Memorial do World Trade Center, do Museu do Memorial e da Torre da Liberdade.

Departamento de Estado dos EUA: Escritório de Assuntos Consulares

http://travel.state.gov/visa/temp/temp_1305.html

Este site do Departamento de Estado oferece informações a pessoas em visita temporária aos Estados Unidos, incluindo detalhes sobre vistos.

Fundo para o Memorial do Pentágono

<http://www.pentagonmemorial.net/home.aspx>

Em memória daqueles que perderam a vida no Pentágono e a bordo do voo 77 em 11 de setembro de 2001, este site, que deve ser concluído em setembro de 2008, fornece

notícias e vídeos sobre o Memorial do Pentágono.

Notícias da Voz da América: Visita aos Estados Unidos

<http://www.voanews.com/english/travelusa.cfm/>

O recurso de planejamento de viagem da VOA conduz o turista passo a passo pelo processo de visita aos Estados Unidos, começando com o planejamento da viagem, o que esperar ao chegar e informações sobre parques, recreação e roteiros pitorescos. Um menu suspenso ou mapa dos 50 estados remete ao centro oficial do visitante de cada estado.

Para Entender os Estados Unidos Depois do 11/9

<http://understandingamerica.publicradio.org/>

Histórias e programas resultantes de uma semana de cobertura especial que foram transmitidos por emissoras públicas de rádio em todos os Estados Unidos um ano após o 11 de Setembro de 2001.

Projeto Memorial Sonic

<http://sonicmemorial.org/public/stories.html>

Centenas de mensagens de voz, histórias contadas, filmes caseiros e vídeos de turistas sobre o World Trade Center antes e depois do 11/9.

Projeto Pluralismo

<http://www.pluralism.org/>

O Projeto Pluralismo: Religiões Mundiais nos Estados Unidos é um projeto de pesquisa com duração de uma década “para estimular os alunos a estudar a nova diversidade religiosa nos Estados Unidos”, com ênfase especial “nas comunidades e tradições religiosas da Ásia e do Oriente Médio”. Os materiais do site incluem artigos acadêmicos e relatórios de pesquisa, publicações e uma base de dados de notícias sobre diversidade religiosa, com recursos de busca.

Vejo Você nos EUA

eJournal USA: Revista Eletrônica do Departamento de Estado dos EUA, setembro de 2005

<http://usinfo.state.gov/journals/itps/0905/ijpe/ijpe0905.htm>

Publicação do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado, esse número da série de revistas eletrônicas, eJournalUSA, enfoca as viagens aos Estados Unidos.

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outros órgãos e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em agosto de 2006.



Foto: Barry Fitzgerald

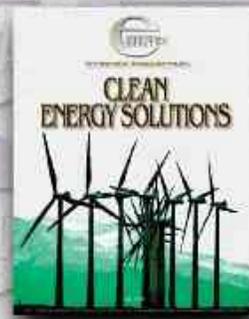
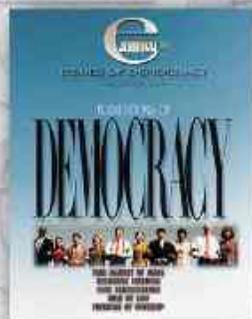
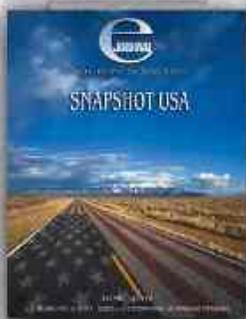
Estação de trem World Trade Center Junho de 2006



**REVISTA MENSAL
SOBRE OS EUA
EM VÁRIOS
IDIOMAS**

Cinco edições temáticas:

- Perspectivas Econômicas
- Agenda de Política Externa
- Questões Globais
- Questões de Democracia
- Sociedade e Valores



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>